

As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz)

Reflexões sobre a Antiguidade Tardia

Mélanie Cunha

Resumo

O estudo das necrópoles de Silveirona foi realizado no âmbito de uma dissertação de Mestrado por nós defendida em 2004 na F.L.U.L. e foi publicado na revista *O Arqueólogo Português* (Suplemento 4). Este espólio, conservado nos Acervos do Museu Nacional de Arqueologia (Belém), provém de dois conjuntos funerários escavados em 1934 no sítio de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz) por Manuel Heleno, o então director deste Museu.

Apesar da importância do sítio, várias vezes citado por um grande número de investigadores, Silveirona nunca tinha sido objecto de um estudo pormenorizado. Duas fontes de informação principais forneceram a base deste estudo: sete cadernos de campo escritos pelo próprio Manuel Heleno e uma planta da parte escavada do cemitério paleocristão. Graças a estas fontes e após análise das peças de cerâmica, de vidro, de algumas peças metálicas e do importante material epigráfico, do qual sete inscrições paleocristãs datadas, foi possível definir por um lado uma necrópole romana, Silveirona I, datada dos meados do século II aos séculos IV /

V d.C. e uma necrópole paleocristã, Silveirona II, da primeira metade do séc. VI d.C.

A transição do período tardo-romano para a chamada Antiguidade Tardia é claramente perceptível nas inscrições paleocristãs de Silveirona II tornando-as num dado fundamental e imprescindível para a compreensão desta transformação. No entanto, se por um lado a cristianização da população parece clara, os rituais funerários e o próprio espólio revelam paradoxalmente diferenças e continuidades no seio de uma população com raízes hispano-romanas evidentes.

Esta investigação, por se tratar do estudo de uma escavação antiga, não pode fornecer afirmações precisas e rigorosas como as de uma escavação actual. Contudo, mostra o potencial que podem oferecer estudos de espólios inéditos e conservados em Museus e aquilo que podem ainda revelar à comunidade científica.

Após a leitura da controversa obra de Bryan Ward-Perkins, *A queda de Roma e o fim da civilização* (2006), propomos realizar uma crítica construtiva desta obra.

Introdução

O estudo das necrópoles de Silveirona (fig. 1) foi realizado no âmbito de uma dissertação de Mestrado por nós defendida em Junho de 2004 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa¹.

No âmbito deste Encontro, propomos reflectir sobre um espólio arqueológico “antigo”, descoberto há mais de setenta anos e ainda hoje conservado nas Reservas do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa (M.N.A.). Estudar uma escavação alheia sempre foi difícil, mas debruçar-se sobre uma escavação antiga realizada sem os métodos rigorosos actuais e sem a presença do arqueólogo em questão, revela-se ainda mais complexo. Mas não é tarefa infazível². Veremos assim como as duas necrópoles de Silveirona, descobertas em 1934 por Manuel Heleno, nos dão a possibilidade de observar mudanças e continuidades entre os rituais funerários romanos e pós romanos, revelando ao mesmo tempo o quão fina e difícil de determinar é esta evolução.

Após a leitura da controversa e não menos excelente obra recentemente publicada por Bryan Ward-Perkins intitulada *A Queda de Roma e o fim da civilização* (2006) e não querendo fazer apenas um resumo puro e simples da dissertação de Mestrado acima referida (para este efeito ver Cunha, 2008), achámos interessante rever e apresentar aqui algumas reflexões acerca das rupturas e das continuidades em Silveirona à luz desta obra.

1. Silveirona I e Silveirona II: breve apresentação

Os dados que tivemos para estudar estas duas necrópoles eram desiguais. No que se refere ao conjunto funerário dito romano - Silveirona I - existem somente três cadernos de campo escritos por Manuel Heleno³, algumas fotografias tiradas pelo mesmo, mais de cem peças arqueológicas (maioritariamente cerâmica e algumas peças de vidro). O material metálico de Silveirona I não pôde ser estudado devido ao seu mau estado de conservação (Cunha, 2008). Relativamente ao conjunto paleocristão - Silveirona II - existem quatro cadernos de campo do Manuel Heleno, uma planta do cemitério desenhada, provavelmente em 1934, pelo desenhador do Museu Francisco Valença (Biblioteca do M.N.A), mais de cem fotografias tiradas pelo arqueólogo, inscrições epigráficas datadas da primeira metade do século VI d.C. e pouco material arqueológico (cerâmica, metal).

Não conhecemos a relação espacial entre estes dois núcleos mas as indicações nos Cadernos de Campo segundo as quais estariam separados por trezentos metros poderiam apontar para dois núcleos separados (fig. 2). No entanto, a datação tardia de algumas sepulturas do núcleo romano aponta para um possível deslizamento gradual de um núcleo para o outro. A parte escavada de Silveirona I é composta por oitenta e

seis sepulturas mas temos somente descrição para sessenta e três sepulturas. Estas são todas de forma rectangular, com comprimentos variando entre os 160 cm e os 200 cm, sendo quase todas sepulturas de inumação, apesar de a maioria dos esqueletos não se ter conservado. As sepulturas são geralmente orientadas a NW – SE, com variações e excepções habituais nas necrópoles do mundo romano (Villaescusa, 2001). Mais de metade são escavadas directamente na rocha sem revestimento, outras são cobertas por lajes, tijolos e/ou pedras. Somente oito sepulturas são covas ladrilhadas ou parcialmente ladrilhadas, cuja datação não permite aliviar uma razão específica para esta diferença. Quase todas contêm um espólio funerário composto sobretudo por uma ou duas peças (Cunha, 2008). A utilização de caixões de madeira é provável uma vez que Manuel Heleno faz frequentes referências a peças metálicas - “cantos de caixões”, pregos - no interior das covas (Cadernos de Campo, A.M.H.)

Graças à planta de Francisco Valença (fig. 3), a parte escavada de Silveirona II é mais bem documentada. Este núcleo funerário instalou-se num espaço previamente ocupado e abandonado por volta do século IV d.C.. É composto por trinta e cinco sepulturas de forma trapezoidal; são todas de inumação (salvo duas excepções), com enterramentos simples e colectivos. As sepulturas organizam-se à volta das estruturas arquitectónicas prévias que se tornaram provavelmente em *martyria* ou túmulos venerados no século VI. A construção das sepulturas é mais complexa e compõe-se essencialmente por caixas em lajes de pedras, por vezes reutilizadas (*vide infra*). Também são utilizados tijolos e pedras ligadas a barro e todas são cobertas por uma ou mais lajes horizontais. Dois sarcófagos monolíticos fazem parte deste conjunto. O espólio funerário é raro e compõe-se por vezes de objectos de adorno e rara cerâmica. Os aspectos mais interessantes deste núcleo funerário são sem dúvida as placas epigráficas romanas reutilizadas, as inscrições paleocristãs maioritariamente datadas da primeira metade do século VI assim como o hábito de enterrar vários indivíduos numa sepultura para quase metade dos casos.

2. A problemática da Antiguidade Tardia

A polémica e incontornável obra de B. Ward-Perkins *A queda de Roma e o fim da civilização* (2006) foi escrita com o objectivo de contestar a teoria “browniana” da acomodação dos povos germânicos ao Império romano e provar que o período pós romano, a que chamamos Antiguidade Tardia, foi de clara ruptura com a fase anterior em todo o Império do Ocidente (Ward-Perkins, 2006, p. 22).

O projecto do autor inglês é de grande envergadura e revela-se necessário para dinamizar o estudo deste período de transição. Contudo, no nosso entender, B. Ward-Perkins

1- Este trabalho será publicado na revista *O Arqueólogo Português* (Suplemento 4) durante o ano de 2008.

2 - Sobre a problemática referente ao estudo de espólio antigo, ver Cunha 2008.

3 - Toda a documentação referida neste trabalho acerca das escavações está conservada no Arquivo de Manuel Heleno no M.N.A.

peca em dois aspectos. Em primeiro lugar, peca por ter querido responder à pergunta clássica, isto é, se a Antiguidade Tardia é um período de ruptura ou de continuidade, posicionando-se assim no seguimento das diferentes teses e antíteses acerca deste período. Estas foram iniciadas nos finais do século XVIII por Edward Gibbon com a tese do declínio e da ruptura e encontram, desde os anos 1970 até hoje, o outro extremo na escola de Peter Brown, a da tese da continuidade. Querendo marcar os reais limites desta escola da acomodação, Ward-Perkins volta a uma imagem mais dramática das invasões aproximando-se desta forma da tese de Gibbon, enriquecendo-a no entanto de dados historiográficos e de inúmeros exemplos arqueológicos que o autor do século XVIII não tinha. Em segundo lugar, e directamente ligado à primeira razão, o autor peca por excesso de zelo uma vez que tenta provar por todos os meios - utilizando o maior número e maior variedade de exemplos provenientes de todo o Império do Ocidente - essa teoria das invasões bárbaras destrutoras. Por fim, esta teoria revela-se sobretudo válida para a Grã-bretanha mas muito menos para o resto do Império.

Ora, estes debates sobre as questões da continuidade ou não continuidade entre o período romano e pós romano baseiam-se em falsas questões uma vez que a Antiguidade Tardia é um período feito de rupturas e de continuidades com a fase anterior. A questão mais certa seria a de saber de que forma se distingue este peculiar momento que se situa depois do Baixo-império, entre o início do século V até ao século VIII. Não será do âmbito desta comunicação responder a esta pergunta. Iremos somente tentar perceber por que razão certas afirmações gerais de Ward-Perkins não são sempre aplicáveis ao território lusitano e utilizar o caso dos núcleos funerários de Silveirona tanto para substanciar como para contradizer a sua recente teoria.

*

Para estudar a Antiguidade Tardia determinados aspectos têm que ser tidos em conta sem os quais será difícil ter uma percepção real deste momento de transição. Em primeiro lugar, é importante determinar a zona geográfica que se quer analisar: utilizar exemplos do extremo Norte da Inglaterra, da zona fronteira do Danúbio ou de uma cidade do Sul de Itália (Ward-Perkins, 2006) não é coerente pois a realidade vivida naqueles momentos conturbados era totalmente diferente segundo se estivesse num ou noutro ponto do Império (Román Punzón, 2004, p. 7). Para perceber a complexidade da Antiguidade Tardia é pois preferível analisar regiões específicas e evitar abranger todo o Império do Ocidente como se se tratasse de um todo inseparável. Paradoxalmente, B. Ward-Perkins, ao propor diferentes gráficos acerca do surgimento progressivo da “decadência” segundo as diversas zonas do Império (Ward-Perkins, 2006, p. 167), prova, entre outros, que a zona da Grã-Bretanha é dificilmente comparável com o resto do Império... Em segundo lugar, além de ter em conta o contexto urbano e rural de um sítio, é necessário ter em conta as diferentes

funções deste (funções políticas, comerciais, funerárias, habitacionais, etc.) pois nem todas evoluíram da mesma forma durante os séculos V, VI e VII d.C.. Se analisarmos sítios como Mérida ou Braga, a chegada das populações germânicas causou perturbações mais ou menos visíveis de um ponto de vista arqueológico (Fontes, 1992; Mateos Cruz, 2004) e operou remodelações a nível administrativo, político e religioso importantes, uma vez que estes estavam intimamente ligados. Paralelamente, no que se refere à economia, ao *modus vivendi*, aos hábitos de construção, continuou-se a viver e a construir segundo hábitos claramente romanos; no que concerne os rituais funerários, estes continuaram o seu caminho habitual, modificando-se num ritmo ainda mais lento, os hábitos pagãos tendo perdurado durante várias décadas entre as comunidades cristãs (Ramírez Sádaba e Mateos Cruz, 2000, p. 270; Rebillard, 2003). Vemos assim que um mesmo sítio transformava-se de maneira gradual, com vários patamares mais ou menos interligados mas não totalmente dependentes.

Por último, concentrar-se nos aspectos materiais deixando de lado os aspectos espirituais torna-se tão redutor como o de tratar somente destes últimos (tal como se faz hoje em dia no seguimento das teorias de P. Brown). Assim, ao focalizar-se apenas nas invasões bárbaras e nos aspectos materiais dos séculos V a VIII, B. Ward-Perkins menospreza a subida do Cristianismo e o seu impacto na sociedade pós romana. Segundo este autor, a demasiada importância que se tem dado ao estudo da subida do Cristianismo e dos feitos dos “santos homens” do Oriente não corresponde à realidade vivida nas províncias do Ocidente (Ward-Perkins, 2006, p. 225 e seg.). Se por um lado ele tem razão no que se refere aos “santos homens” que alimentaram grande parte das expectativas das populações e esferas políticas do Oriente e cujo fenómeno não se encontra no Ocidente, não se pode, por outro lado, menosprezar a subida do Cristianismo e o seu peso no Ocidente, nem a importância do culto das relíquias que o autor inglês nem menciona.

De facto, a partir do século V, vários acontecimentos importantes transformaram a Província da *Lusitania* mais ou menos rapidamente: a chegada de populações germânicas, as transformações sociais próprias de um Império desgastado, o deslizamento do poder entre as mãos do clero, a presença cada vez mais importante do Cristianismo no seio das comunidades, etc. Mas nem tudo aconteceu ao mesmo tempo, nem todos estes factores tiveram o mesmo efeito nos diferentes pontos do território (Villaescusa, 2001).

O crescimento do Cristianismo terá sido mais rápido e mais influenciado pelas diferentes doutrinas em cidades como por exemplo Braga (Fontes, 1992), Lisboa (Jorge, 2002), Mértola (Torres e Macias, 1993) ou Mérida (Arce, 2002) ou numa rica *villa* como Torre de Palma (Maloney, 1996) ou Milreu (Huschchild, 1995) do que numa aldeia ou pequena *villa* do *hinterland* como a que sepultou os seus mortos em Silveirona (Cunha, 2008) ou na Palhinha (Batata et al., 2000).

Veremos assim que as conclusões a que chegámos são válidas para Silveirona e para contextos funerários rurais do interior da Península Ibérica com uma influência germânica

moderada (Alto e Baixo Alentejo, Andaluzia, por exemplo), mas já não são para contextos funerários tardios da zona de Toledo (onde a implantação visigótica era importante) nem nos contextos funerários tardios da costa mediterrânica oriental da Península Ibérica em que a influência bizantina foi de maior peso. Não pretendemos chegar ao extremo de só dar valor aos estudos de “micro-escala” (Villaescusa, 2001, p. 33) mas quando se trata de um período de transição tão complexo como o da Antiguidade Tardia, não se pode tirar conclusões que sejam válidas para a totalidade do território Ibérico e ainda menos para todo o Império ocidental.

3. Rupturas e continuidades em Silveirona

As inscrições paleocristãs encontradas *in situ* em Silveirona II (fig. 4), datadas de 513 a 544, dariam satisfação a B. Ward-Perkins uma vez que mostram uma clara perda de sofisticação na sua realização. De facto, relativamente às placas funerárias romanas reutilizadas numa das sepulturas de Silveirona II (fig.6), o trabalho escultórico nas lápides paleocristãs é rudimentar: as placas são de forma irregular e somente alisadas na face epigrafada, as arestas não são trabalhadas e o campo epigráfico não é assinalado, as letras são inscritas sem *ordinatio* prévia, por vezes parecem-se mais com grafitos (fig. 5).

A teoria do autor inglês sobre o “perigo da especialização” (Ward-Perkins, 2006, p. 183-185) é coerente de um ponto de vista material. De facto, uma civilização que repousa inteiramente sobre as capacidades técnicas de variados especialistas encontra-se na impossibilidade de substituir estes últimos num momento de crise. Ora, podemos admitir que tenha sido o caso de Silveirona, mas já não o é para cidades como Mérida (que sofreu invasões) ou Mértola (pouco tocada pelas invasões) cujas inscrições funerárias são executadas por mãos profissionais. Poder-se-á supor duas hipóteses: i) a população rural que sepultava os seus mortos em Silveirona não teve meios para continuar a ter lapicidas ou contratar os trabalhos de um lapicida durante o período supostamente conturbado das invasões bárbaras; ou ii) a partir de um certo momento, em que a comunidade estava toda cristianizada, não se achou de primeira importância ter um especialista que decorasse e escrevesse nas lápides porque as placas funerárias já não se revestiam da mesma importância que tinham no período pagão.

A passagem para placas “artesaniais”, em vez de ser vista unicamente como o resultado de uma ausência de lapicida especializado causado por uma queda na economia geral do Império, pode ser visto também como o resultado de um desinteresse cada vez maior de criar objectos funerários decorativos comparativamente com o período anterior. De facto, o modo de sinalizar os mortos tinha evoluído. Durante os três primeiros séculos da nossa Era, a placa funerária – vertical – era feita para ser ostentada, para guardar a memória do defunto perante os vivos. Ora nas mentalidades cristianizadas é a relação com a terra – horizontal – que se reveste de

uma maior importância, uma vez que era a maneira de voltar à terra que Deus criou e de esperar pela ressurreição.

Por que razão as cidades de Mértola e Mérida tinham, nestas mesmas décadas, artesãos profissionais que esculpam lápides funerárias? A resposta terá mais a ver com o contexto urbano, de grande cosmopolitismo e dinamismo económico que oferecia meios para perpetuar o gesto centenário de assinalar as sepulturas com inscrições decoradas, sem quase haver interrupção entre os séculos. Vemos assim que uma ruptura visível entre um período e outro em Silveirona pode antes de mais ser o resultado de uma evolução das mentalidades, provocando ao longo das décadas uma reorientação nas prioridades devido ao contexto rural em que se encontravam as populações. Esta passagem demorou décadas ver mesmo séculos, pois situamo-nos no princípio do século VI quando o Cristianismo já estava presente no território lusitano há mais de duzentos anos.

Observando as lápides romanas e paleocristãs de Silveirona podíamos mesmo falar de continuidade pois o simples facto de assinalar uma sepultura com uma placa de mármore inscrita com o nome do defunto é um resultado claro de continuidade com o período anterior. A permanência da língua latina e da onomástica latina quando se está em pleno período político visigótico (reinos de Amalarico, Têudis e Teudiselo) é outro aspecto revelador da existência de uma continuidade. Notamos aqui que um mesmo aspecto pode ser analisado segundo diversos pontos de vista, não se excluindo entre eles.

*

O estudo quantitativo e qualitativo do material arqueológico de Silveirona I e de Silveirona II revela de novo e *a priori*, um bom exemplo para a teoria da queda da sofisticação material do autor inglês. Contudo, pode também ser o reflexo de um evoluir lento nas tradições funerárias que já tinha começado durante o Baixo-Império, antes da chegada de populações germânicas.

As características do espólio funerário das sepulturas situam Silveirona I no âmbito das necrópoles do Alto-Alentejo do Baixo-Império (Frade e Caetano, 1993), comparativamente com as do Alto-Império que apresentam dezenas de objectos funerários (Viana, 1955). Apesar de algumas sepulturas de Silveirona I terem um conjunto funerário composto por três, quatro ou cinco peças, a grande maioria tem unicamente uma ou duas peças (Cunha, 2008). A datação do material entre os meados do século II até ao século IV (e por vezes o século V) confirma esta tendência ao longo dos séculos para sepultar cada vez menos material com os defuntos.

O espólio funerário compõe-se maioritariamente por púcaros, pratos, taças, mas também por lucernas, bilhas, jarros, alguns copos e garrafas de vidro, entre outros (Cunha, 2008). Trata-se de um conjunto homogêneo em que a maioria da cerâmica é típica da cerâmica comum que se encontra no Alto-Alentejo (Nolen, 1985) até à zona de Mérida. As cerâmicas de importação (*terra sigillata*, lucernas) são muito menos numerosas e são sobretudo provenientes do Norte de África. Estas peças datam dos meados do século II até aos finais do

século III d.C., com a excepção da lucerna de canal Hayes I B da sepultura AP, que data de finais do século IV - inícios do século VI.

Por sua vez, o espólio funerário nas sepulturas de Silveirona II é quase inexistente, a bilha n.º 128 (fig. 7) é a única bilha podendo fazer parte de uma das sepulturas, assim como elementos de adorno em liga de cobre, característicos de um período de influência germânica (fig. 8), comparativamente com as sepulturas de Silveirona I que não continham este tipo de material.

É inegável que algo aconteceu entre Silveirona I e Silveirona II. As invasões bárbaras poderão ser um factor que tenha perturbado a produção local da cerâmica e do comércio de importação, causando um vazio quase total de espólio cerâmico em Silveirona II. Silveirona, não estando muito longe da rota comercial entre a capital de *Lusitania* e *Scallabis / Olisipo* permanecia, como vimos, um local rural onde o dinamismo produtivo e comercial poderá ter abrandado de maneira mais significativa do que nas cidades. De facto neste mesmo momento, nos inícios do século VI, a cidade de *Augusta Emerita*, apesar de estar sob domínio visigótico desenvolveu-se a grandes passos. Depois de se tornar capital do diocese das Hispanias no final do século III, sede do Vigário, era a sede do governador da *Lusitania* e até ao século VII, mesmo depois de Toledo ter-se tomado a capital dos Visigodos, continuou a ser uma cidade com uma importância política e religiosa incomparável (Arce, 2002).

No entanto, as perturbações provocadas pelos invasores nesta parte da *Lusitania* não substituíram o modo de vida de cariz romano da sua população. A própria cidade de Mérida, apesar de ter sido em parte arrasada pelas invasões na primeira metade do século V (Blázquez, 2002, p. 321), não revela vestígios arquitectónicos claramente visigóticos (Arce, 2002, p.208). Isto é, quando se fala de ruptura, não houve ruptura no modo de viver das pessoas.

A peculiar evolução da sociedade romana, que se acentuou sob as reformas de Diocleciano e sob Constantino e que é observável em várias cidades da Península Ibérica, como por exemplo *Italica*, *Hispalis*, *Augusta Emerita*, *Myrtilis* e em várias *villae* da Lusitania (por ex. Torre de Palma, Milreu, São Cucufate), demonstra como a chegada das populações germânicas naquela zona não provocou nenhuma quebra. Esta evolução continuou o seu caminho, paulatinamente, até chegar ao campo, isto é, às zonas que não estavam em contacto directo com *villae* (ocasionalmente perturbadas pelas invasões germânicas) num período já claramente tardo-antigo (Hauschild, 1995).

Perguntamos assim: qual foi o peso das invasões germânicas entre Silveirona I e Silveirona II? Não seria preferível ver nas diferenças entre estes dois núcleos funerários uma mudança interna, ou seja, própria à sociedade romana? De facto, uma destas mudanças internas que estava a suceder de maneira oposta ao declínio geral do Império, era o crescimento do Cristianismo.

Não nos esqueçamos que este fenómeno religioso ocorreu

igualmente nos povos germânicos: quando chegaram à Península Ibérica eles já estavam, em grande parte, cristianizados. As próprias querelas entre arianos e ortodoxos que dividiam o Império do Ocidente e o do Oriente, também dividiam o Sul do Império (mediterrâneo) relativamente ao Norte (germânico), como o demonstra Peter Brown (1985, p. 127-156). Ora, se o clero visigodo entrava nas mesmas querelas teológicas que o clero hispano-romano, não era considerá-los em pé de igualdade? Por mais que ficassem “os bárbaros” nas mentes do autóctones (Ward-Perkins, 2006, p. 113) e falassem outra língua, em termos religiosos, discutiam a favor ou contra a mesma trindade. Mesmo se ao nível da população estas questões talvez não fossem discutidas como ao nível do clero, apesar da clara democratização da religião cristã (Garnsey e Humfress, 2001, p. 152), os povos bárbaros tinham o mesmo Deus que as populações locais e isto é algo de fundamental.

Não pretendemos afirmar que todas as populações do Império estivessem totalmente cristianizadas nos séculos V e VI, pois inúmeras provas de paganismo demonstram o quão enraizado este estava nos hábitos (Rebillard, 2003; Garnsey e Humfress, 2001), mas a nova religião era sem dúvida um meio de ligação entre os diferentes povos.

Voltando aos espólios funerários de Silveirona I e II, o que poderá ter acontecido terá sido um desinteresse, paralelo ao das inscrições funerárias, em acompanhar o defunto com material; desinteresse que já tinha começado durante o século III e que foi acentuado com o Cristianismo que dava mais importância à salvação da alma do defunto numa vida celeste do que à sua vida terrestre. Por outro lado, nas necrópoles visigóticas, os defuntos continuavam a ser inumados com adornos e armas (Ripoll, 1985), seguindo a tradição germânica.

*

As inumações colectivas de Silveirona II são mais um aspecto interessante em comparação com as inumações simples de Silveirona I. Quase metade das sepulturas de Silveirona II contém esqueletos de pelo menos dois indivíduos, com ou sem redução prévia do esqueleto anterior⁴, revelando assim um hábito comum de reutilizar as covas. A sepultura que reutilizou as placas epigráficas romanas é um bom exemplo: sepultou, no mínimo três indivíduos, a saber *Veranianus*, *Savinianus* e *Talassa* num espaço de treze anos.

Várias hipóteses foram propostas para as inumações colectivas durante a Antiguidade Tardia entre as quais o substrato tardo-romano deste hábito em oposição à origem germânica da inumação simples (Carmona Berenguer, 1997). No entanto, se nas necrópoles de população visigótica da região da Meseta as inumações simples são maioritárias, as reutilizações de sepulturas também são frequentes (Ripoll, 1996 *apud* Román Punzón, 2004, p. 105).

Além de Silveirona, o mesmo caso se observa em outras necrópoles tardias do Sudoeste da Península Ibérica, onde a presença germânica não foi de peso: Padrãozinho (Viana

4 - Para uma análise detalhada da variedade destas inumações (colectivas, múltiplas e jazigos), ver Cunha, 2008, p. 57 e seguintes.

e Deus, 1955), Terrugem (Viana, 1950), Poço dos Mouros, em Silves (Gomes, 2002), Casal de São Brás, em Amadora (Encarnação e Duarte, 1998) e nas necrópoles da Andaluzia (Carmona Berenguer, 1997; Román Punzón, 2004, p. 104), para só citar algumas.

Notamos assim que estas necrópoles da Antiguidade Tardia, de cariz germânico e de origem tardo-romana, apresentam frequentemente reutilizações de sepulturas. Portanto, mais do que uma presença ou não presença germânica na origem deste hábito funerário, a questão das inumações colectivas prende-se provavelmente com uma resposta religiosa: no início do século VI situamo-nos no auge do culto das relíquias⁵. A existência de uma sepultura privilegiada (de tipo *martyrium* ou outro) ou de uma basílica poderá ter levado as populações cristãs a inumar os corpos *ad sanctos* e a reutilizar as sepulturas, se fosse necessário, independentemente das suas origens romana ou germânica.

Considerações finais

Observamos assim que nas populações hispano-romanas rurais da Antiguidade Tardia que foram pouco tocadas pelas invasões bárbaras, a evolução da sociedade continuou a seguir inexoravelmente o seu caminho e que a cristianização demorou a instalar-se nos rituais funerários, arqueologicamente visíveis somente a partir dos finais do século V. Estes enquadram-se numa herança romana, todavia nota-se uma presença tênue de influências materiais germânicas.

Não se operou abandono radical de sítios de habitação, pois os que sepultavam os seus mortos no século VI em Silveirona faziam-no como o tinham feito várias gerações anteriores, a umas centenas de metros da antiga necrópole, reutilizando até as suas placas funerárias. A reutilização de materiais antigos e mesmo de sítios romanos desafectados, demonstra que as populações continuavam a viver naquele sítio, mas com uma mentalidade que se tinha cristianizado.

Podemos concluir que os rituais funerários são aqueles que mais lentamente mudaram ao longo dos séculos. São rituais ligados ao sentimento profundo de qualquer indivíduo, no momento em que afronta o que mais receia: a morte. O Cristianismo deu uma dimensão íntima àquilo que era celebrado segundo normas definidas por várias gerações, razão pela qual a sobrevivência dos rituais pagãos em celebrações funerárias cristãs se perpetuou durante toda a Antiguidade Tardia.

Em vez de ver o século V somente como o século dos invasores bárbaros que destruíram e arrasaram grande parte do Império do Ocidente, seria preferível olhar da mesma forma para todos os acontecimentos paralelos à chegada das populações germânicas, sem menosprezar o crescimento inexorável da nova religião. Cristianização e invasões bárbaras são conceitos que não podem ser analisados separadamente e que tiveram influências mais ou menos fortes segundo a zona geográfica no Império que se estuda.

Bibliografia

- ARCE, J. (2002) – Mérida tardorromana (300-580 d.C.). *Cadernos Emeritenses*. Mérida. 22.
- BATATA, C.; BOAVENTURA, R.; CARNEIRO, A. (2000) – A inscrição paleocristã de Palhinha 1 e o seu enquadramento. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol 3, n.º 2, p. 237-246.
- BROWN, P. (1985) – *La société et le sacré dans l'Antiquité Tardive*. Paris: Editions du Seuil. (versão traduzida da obra original em inglês, 1982)
- CAETANO, J. C. (2002) – Necrópoles e ritos funerários no Ocidente da Lusitania Romana. In VAQUERIZO, D., ed. - *Actas del Congreso Internacional: Espacio y usos funerarios en el Occidente Romano (Córdoba, 2001)*. Vol. 1. Córdoba: Facultad de Filosofía y Letras, p. 313-335.
- CARMONA BERENGUER (1997) – Las necrópolis tardorromanas y de época visigoda en Andalucía en el ámbito rural. In TEJA, R.; PÉREZ, C. eds. - *Actas del Congreso Internacional La Hispania de Teodósio*. Vol. 2. Junta de Castilla y León /Universidad SEK, p. 425-434.
- CUNHA, M. (2008), As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia. O Arqueólogo Português. Lisboa, Supl. 4.
- ENCARNAÇÃO, G.; DUARTE, C. (1998) – A necrópole paleocristã do Casal de São Brás. *Relatórios da Associação de Arqueologia da Amadora*. Amadora. 5, p. 2-31.
- ENCARNAÇÃO, J. (1977) – Epigrafia romana do noroeste alentejano: Nisa, Torre de Palma e Silveirona. *Conimbriga*. Coimbra. 16, p. 59-82.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Paensis*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- FONTES, L. (1992) – O Norte de Portugal no Período Suevo-Visigótico. Elementos para o seu estudo. In *Actas XXXIX Corso di Cultura Sull'Arte Ravennate e Bizantina, (Ravenna, 6-12 Aprile 1992)*. Ravenna: Edizioni del Girasole, p. 217-248.
- FRADE, H.; CAETANO, J. C. (1993) – Ritos funerários romanos no Nordeste Alentejano. In *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, 1990)*. Coimbra: Faculdade de Letras, p. 847-887.
- GARNSEY, P., HUMFRESS, C. (2004) – *L'évolution du monde de l'antiquité tardive*. Paris : Editions La découverte. (versão traduzida da obra original em inglês, 2001)
- GOMES, M. (2002) – A necrópole visigótica do Poço de Mouros (Silves). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 5 n.º2, p. 339-391.
- GONZÁLEZ VILLAESCUSA, R. (2001) – *El mundo funerário romano en el país valenciano. Monumentos funerários y sepulturas entre los siglos I a. de C. – VII d. de C.* Madrid - Alicante: Casa de Velázquez, Instituto Alicantino de Cultura “Juan Gil-Albert”.
- HAUSCHILD, T (1995) – Transformação no campo na baixa romanidade em Portugal. In GURT, J. M.; TENA, N. eds.- *IV Reunión d'Arqueologia Cristiana Hispánica /IV Reunión de Arqueologia Cristã Hispánica (Lisboa, 1992)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans

5 - Acerca das várias hipóteses de análise das inumações colectivas, ver Cunha, 2008.

/ Universitat de Barcelona; Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, p. 377-382.

JORGE, A. (2002) – *L'épiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (III –VII^{ème} siècles)*. *Trabalhos de Arqueologia*. 21. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

MALONEY, S.; HALE, R. (1996) – The villa of Torre de Palma (Alto Alentejo). *Journal of Roman Archaeology*. 9, p. 275 - 294.

NOLEN, J. U. S. (1985) - *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.

RAMÍREZ SÁDABA, J. L.; MATEOS CRUZ, P. (2000) – Catálogo de las Inscripciones Cristianas de Mérida. *Cuadernos Emeritenses*. Mérida.16.

REBILLARD, É. (2003) – *Religion et sépulture. L'Église, les vivants et les morts dans l'Antiquité Tardive*. Paris : Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales.

RIPOLL, G. (1985) – La necropolis visigoda de El Carpio del Tajo (Toledo). *Excavaciones Arqueológicas en España*. Ministério de la

Cultura, Dirección General de Belas Artes y Archivos p. 7-227.

ROMÁN PUNZÓN, J. M. (2004) – El mundo funerário rural en la Provincia de Granada durante la Antigüedad Tardia. *Archaeologica Monumenta*. Granada: Editorial Universidad de Granada.

VIANA, A; DEUS, A. D. (1955) – Nuevas necropolis celto-romanas de la región de Elvas (Portugal). *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid. 28, p. 33-68.

WARD-PERKINS, B. (2006) – *A queda de Roma e o fim da civilização*. Lisboa: Alêtheia Editores. (versão traduzida da obra original em inglês, 2005)

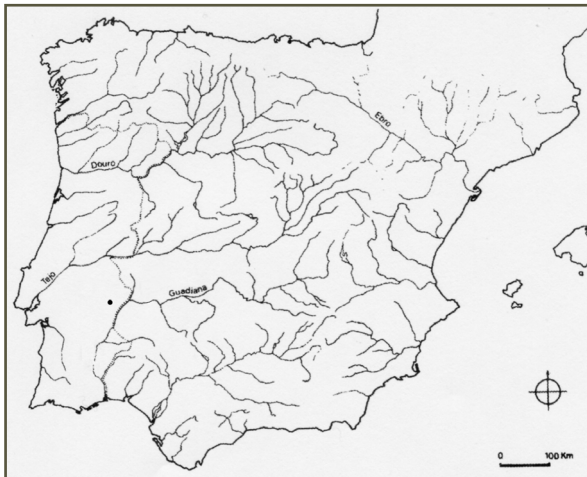


Fig. 1 - Localização geográfica de Silveirona na Península Ibérica.

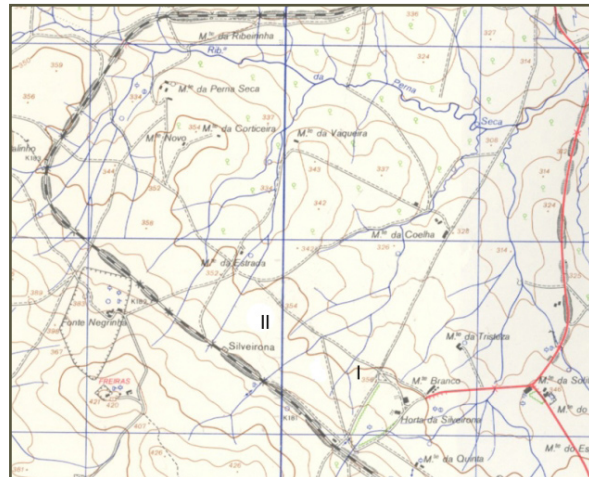


Fig. 2 - Localizações prováveis de Silveirona I e II. (C. M. P., folha 411)

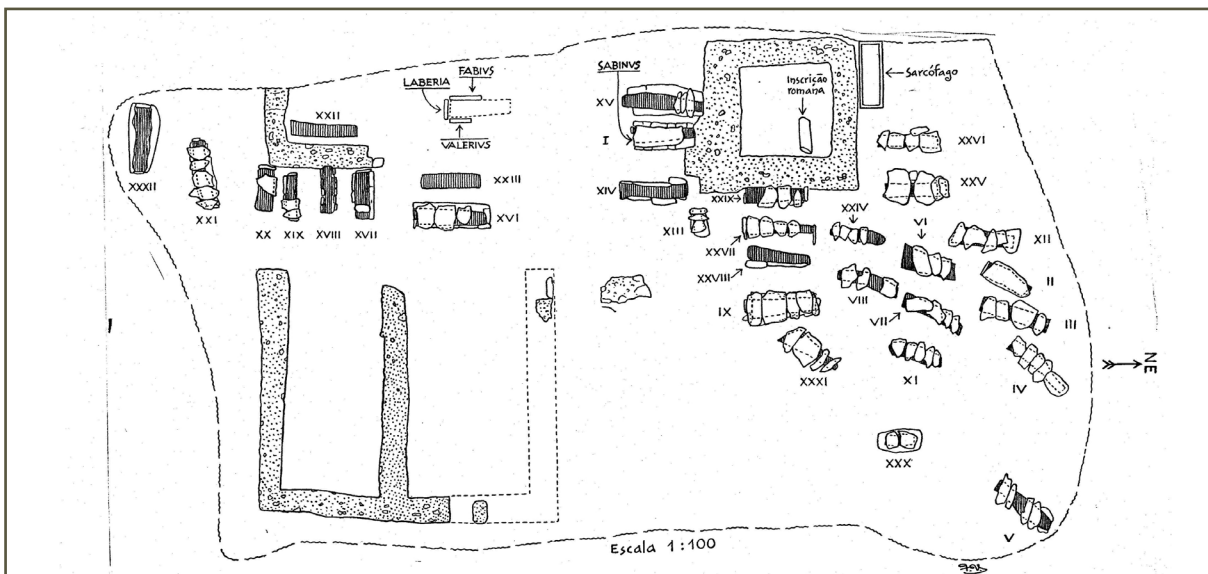


Fig. 3 - Planta do cemitério paleocristão (Silveirona 2), por F. Valença. s/d. (Arquivo do M.N.A.)

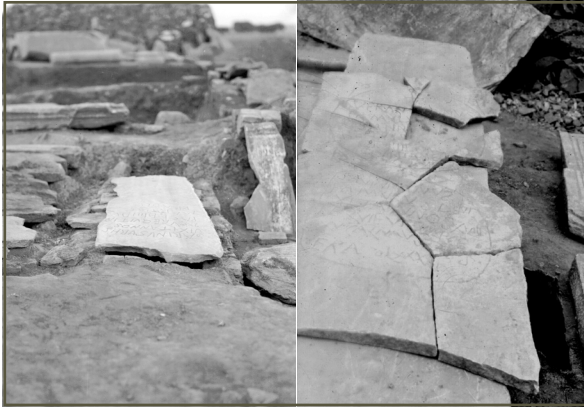


Fig. 4 - A inscrição de Sabinus e a dupla inscrição de Verianianus e Savinianus. 1934. (Arquivo do MNA)



Fig. 5 - Inscrição de Talassa. 1934 (Arquivo M.N.A.)



Fig. 6 - As três inscrições romanas. 1934. (Arquivo do M.N.A.)



Fig. 7 - Bilha proveniente de Silveirona II. (Foto Cunha, 2004)



Fig. 8 - Brincos, argola de fivela, anel de bronze de Silveirona II. (Foto Cunha, 2004)